

Prefácio

Sinésio Ferraz Bueno

Como citar: BUENO, S. F. Prefácio. *In:* BARBOSA, R. P. **Pensamento pós-crítico, currículo e teoria crítica:** aproximações, tensões. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p 13-16.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-168-3.p13-16>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Prefácio

Este livro tem como tema central a reflexão filosófica sobre a recepção do discurso pós-moderno de questionamento radical da universalidade e sua conseqüente valorização da diferença no campo educativo. Trata-se de repercutir criticamente a desqualificação das concepções modernas da existência de um saber universal, com base na relativização de todo tipo de conhecimento e de valor moral que apresente pretensões de universalidade. Desde as últimas décadas do século XX, a agenda pós-crítica adquiriu relevância entre educadores brasileiros, o que conduziu ao questionamento sistemático dos metarelatos pedagógicos de origem moderna, que se fundamentavam em concepções universalistas de sujeito, progresso e formação. Essa problematização originou um novo estilo de formatação curricular, em que os conceitos universais foram depreciados como signos de uma colonização eurocêntrica destinada a legitimar diversos tipos de preconceito na esfera da etnia, do gênero, da religião e da nacionalidade. Com base nessa relativização das ideias e conceitos universais que marcaram a modernidade ocidental, a pós-modernidade no campo educativo passou a valorizar o reconhecimento das diferenças e do pluralismo das identidades no campo da educação.

Essa valorização orgulhosa dos particularismos culturais no campo educativo está longe de se constituir como um paradigma isento de problemas a serem pensados pelos educadores, e é justamente essa fraqueza da agenda pós-moderna que Renata Barbosa se propõe apresentar e tensionar intelectualmente. Para esse objetivo, a autora conta com um <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-168-3.p13-16>

instrumental teórico muito consistente, que se baseia nas reflexões dos filósofos da Escola de Frankfurt, em especial Theodor Adorno, que é um de seus mais importantes pensadores. O argumento central da autora consiste na tese de que a pós-modernidade, em sua atividade febril de contestar a universalidade ocidental, acabou produzindo efeitos irracionalistas, dadas suas tendências de fetichização da diferença como núcleo incontestável de libertação dos particularismos reprimidos. A partir da perspectiva de Adorno, Renata expõe a necessidade de uma confrontação dialética entre as particularidades culturais e os conceitos universais, com o objetivo de preservar a diferença em sua condição de não-identidade. Em outras palavras, trata-se de contornar as fortes tendências de fetichização da diferença, que acompanham o discurso pós-moderno, mediante um exercício autoreflexivo que seja capaz de elucidar a distância necessária entre cada cultura em particular e os horizontes universalistas de uma humanidade livre.

Ao propor uma reflexão de natureza dialética acerca da valorização da diferença no campo curricular da educação, a autora aponta para a necessidade de abordagem sobre os aspectos negativos que são intrínsecos ao pensamento filosófico. O filósofo Hegel, que com toda justiça pode ser lembrado como o grande mestre da dialética, alertou para o fato de que todo tipo de conhecimento é afetado pela não-coincidência necessária com o próprio objeto que busca conhecer. Há um descompasso estrutural e irreduzível entre os que as coisas são em seu aparecer fenomênico e imediato (o ser-para-si) e o que elas são em si mesmas (o ser-em-si). Na medida em que a dialética é a experiência que a consciência é capaz de produzir sobre si mesma em sua relação com os objetos que intenta conhecer, a produção do conhecimento é necessariamente afetada pela dissonância contínua entre seus objetivos de se elevar para além das contingências do empírico e do histórico, e seu próprio engajamento no

mundo. Esse fracasso necessário do sujeito em conhecer o objeto sem conseguir se libertar das contingências históricas de sua finitude, foi denominado por Hegel como consciência infeliz, termo que designa a experiência histórica da contradição, o que consiste na própria alma da dialética.

A dialética negativa de Adorno é animada internamente pela consciência dessa contradição necessária entre o que coisas pretendem ser e o que elas efetivamente são, descompasso que é o núcleo irreduzível da própria experiência do pensamento. A tese de Renata Barbosa expõe a incompletude do pensamento pós-moderno como paradigma capaz de resgatar a dignidade da diferença no campo da educação. Quando se elaboram propostas curriculares centradas na diversidade étnica, de gênero, de nacionalidade ou de religião, desprovidas de uma confrontação dialética com horizontes universalistas de liberdade, há um risco muito grande de aprisionamento do discurso educacional nos padrões identitários da comunidade a que se referem. Sob o pretexto, em si mesmo muito válido, de transcender os padrões ideológicos que durante séculos sequestraram a diferença em nome de práticas etnocidas, corre-se o risco de reproduzir outras modalidades de opressão, dessa vez em nome de uma suposta pureza cultural. Esse é o tema das “ciladas da diferença”, termo que designa o equívoco de toda valorização romântica e irrefletida dos particularismos culturais, sem que estes sejam confrontados com referências universalistas. A experiência dialética da infelicidade da consciência se torna relevante, mesmo quando os sujeitos parecem estar sendo redimidos de experiências colonizadoras, uma vez que a libertação da humanidade não se deixa captar em um momento histórico isolado, mas somente na compreensão da sequência evolutiva de suas experiências negativas.

Uma educação emancipadora não pode, então, ser pensada nos horizontes reducionistas do universalismo eurocêntrico que caracterizou

grande parte da formação escolar das gerações anteriores, nem tampouco na valorização irrefletida dos particularismos culturais. Mas é importante observar que não se trata simplesmente de almejar algum tipo de equilíbrio entre o universal e o particular, pois a experiência dialética da contradição requer uma compreensão consciente da negatividade que é imanente ao desenvolvimento histórico da consciência. No campo educativo, isso significa que o polo do universal e do particular sejam continuamente confrontados um em relação ao outro, para que seja possível aferir a distância existente entre os modos de vida de uma determinada cultura e os horizontes genéricos de uma humanidade livre. Quando a educação se presta à exaltação cega de matrizes eurocêntricas de natureza racista, patriarcal e nacionalista, ela não está menos distante dos horizontes de sua emancipação do que ao se refugiar em particularismos identitários supostamente mais autênticos, vivos e múltiplos. Em ambos os casos, a educação se deixa circunscrever a recortes ideológicos que impedem a compreensão lúcida dos limites que afetam tanto o universalismo vazio do discurso colonial, quanto a exaltação orgulhosa dos particularismos culturais. Entre um e outro, se situa a experiência formativa do pensamento que não se deixa aprisionar nem pelas ideologias eurocêntricas da modernidade, nem pelas ciladas da diferença pós-moderna. É a essa importante reflexão crítica e negativa que a autora desta obra nos convida.

Sinéio Ferraz Bueno.